

Almada

ARQUEOLOGIA | PATRIMÓNIO | HISTÓRIA LOCAL

ISSN 2182-7265 [semestral]

online

#28 (tomo 2) Jul. 2025

A TORRE DE CENTUM CELAS



A Espada de Mouruás
arqueologia, património e mitos

O Forte do Tagarete na II Guerra Mundial

Fábrica de Pólvora de Vale de Milhaços
uma Ilha de Biodiversidade



CAA

Centro de Arqueologia de Almada



Capa | Jorge Raposo

A torre de Centum Celas, sítio arqueológico classificado como Monumento Nacional desde 1927. Localizado na freguesia do Colmeal da Torre, concelho de Belmonte, constitui ainda hoje um desafio para a investigação e interpretação arqueológica. Na montagem de capa, o céu da imagem original foi tratado com *software* digital.

Foto | © Helena Frade e Elisa Albuquerque.



2.ª Série, N.º 28, Tomo 2, Julho 2025

Proprietário e editor |

Centro de Arqueologia de Almada,
Apartado 603 EC Pragal,
2801-601 Almada Portugal

NIPC | 501 073 566

Sede do editor e da redacção |

Travessa Luís Teotónio Pereira,
Cova da Piedade, 2805-187 Almada

Telefone | 212 766 975

E-mail | c.arqueo.alm@gmail.com

Internet | www.almadan.publ.pt

ISSN | 2182-7265

Estatuto editorial |

www.almadan.publ.pt

Distribuição | <http://issuu.com/almadan>;
https://zenodo.org/communities/al-madan_online

Periodicidade | Semestral

Apoios | Associação dos Arqueólogos Portugueses / ArqueoHoje - Conservação e Restauro do Património Monumental, Ld.^a / Câmara Municipal de Almada / Dryas - Octopétala, Ld.^a / Câmara Municipal de Oeiras / Neoépica, Ld.^a

Director | Jorge Raposo
(director.almadan@gmail.com)

Publicidade | Centro de Arqueologia de Almada (c.arqueo.alm@gmail.com)

A Arqueologia é (não só, mas também) feita de memórias... de sítios, de objectos, de pessoas.

O artigo que nesta edição justifica o destaque de capa ilustra-o bem, ao evocar uma investigadora que nos deixou prematuramente, Helena Frade (1957-2014 †), ao mesmo tempo que recorda um dos sítios que marcou a sua formação académica (foi tema da dissertação de mestrado em Arqueologia que apresentou à Universidade de Coimbra, em 2002) e enriqueceu a sua carreira profissional, a *villa* romana de Centum Celas (Belmonte), onde escavou na década de 1990. Num terceiro plano, lembra ainda materiais arqueológicos exibidos em exposição dedicada a esse sítio, em 2008, publicando finalmente o catálogo então preparado por Helena Frade e Elisa Albuquerque, que permaneceu inédito até esta última o transformar no que hoje podemos ler nas páginas da *Al-Madan Online*.

Construída originalmente em meados do século I como imponente casa de família abastada, Centum Celas foi residência e espaço de apoio a trabalhos agrícolas durante mais de um milénio, com sucessivas transformações e adaptações antes do progressivo abandono e degradação na Idade Média. A parte central e mais elevada da casa resistiu à ruína e deu-lhe o aspecto de “torre” que tem desde o século XIII, pelo menos, induzindo múltiplas interpretações quanto à sua cronologia e funcionalidade. O Prof. Jorge de Alarcão descreveu muito bem esse processo em obra de 2019, *A Torre de Centum Celas (Belmonte)*, edição ArqueoHoje Ld.^a apoiada pelo Município de Belmonte (ISBN 978-989-54407-0-2), em estudo enriquecido com os desenhos de arquitectura de José Luís Madeira e as fotografias de Pedro C. Carvalho. Um livro pequeno, mas fundamental para perceber um sítio arqueológico que vale a pena visitar, não se restringe ao que resta da antiga casa romana e ainda tem muito a revelar, como tantos outros no nosso país. Sítios, objectos e pessoas que merecem ser conhecidos, integrados nas nossas memórias sociais e valorizados na prática da gestão patrimonial presente e futura.

Felizmente, a reflexão teórica e a investigação aplicada ao Património cultural enfrentam esse desafio com empenho e engenho, numa perspectiva progressivamente multidisciplinar e multitemática que caracteriza a comunidade científica e está bem patente na diversidade de trabalhos que ora publicamos. Do enquadramento legislativo e epistemológico à apresentação de diferentes “terrenos” e objectos patrimoniais, com abordagens mais clássicas ou abertas às novas tecnologias e às preocupações ambientais, tudo pode ser encontrado nas próximas páginas desta revista e certamente proporcionará boas leituras. Votos de que assim seja!

Jorge Raposo, 15 de Julho de 2025

Conselho científico |

Amílcar Guerra, António Nabais,
Luís Raposo, Carlos Marques da Silva
e Carlos Tavares da Silva

Resumos | Autores e Jorge Raposo
(português), Luísa Pinho (inglês)
e Maria Isabel dos Santos (francês)

**Modelo gráfico, tratamento de
imagem e paginação electrónica** |
Jorge Raposo

Revisão | Autores e Fernanda Lourenço

Colaboram neste tomo |
Elisa Albuquerque, Nelson J. Almeida,
Diogo Amaro, João Barreira, Luís
Borges, Daniela F. Cabral, Fábio R.

Calippo, Mafalda Capela, Guilherme
Cardoso, Vera Cardoso, Tânia M.
Casimiro, Diniz Cortes, Cláudia
Costa, Sara Cura, Diogo T. Dias, José
d'Encarnação, Allysson A. de Farias,
Jorge Feio, António B. Fernandes,
Graça Filipe, Helena Frade †, José P.
Francisco, Marcos T. E. Frota, Cristina
Gameiro, Vanessa Gaspar, Sérgio
Gomes, Gerardo V. Gonçalves,
Mauro Hilário, Vitor O. Jorge,
Sebastião L. de Lima Filho, Tânia
Matias, Leonor Medeiros, Pedro H.
Melo, Rúben Mendes, Victor Mestre,
Alexandre Monteiro, Bruna Monteiro,

Manoel O. de Moraes Filho, José L.
Neto, Nuno Oliveira, Pedro Parreira,
Dina B. Pereira, Franklin Pereira,
Magda Peres, Cláudia R. Plens,
Ana Rosa, Anna Rufã, Fábio Soares,
André Tomé, Ana Vale, António
C. Valera e Paloma Zarzuela
Gutiérrez

Os conteúdos editoriais da *Al-Madan Online* não seguem o Acordo Ortográfico de 1990. No entanto, a revista respeita a vontade dos autores, incluindo nas suas páginas tanto artigos que partilham a opção do editor como aqueles que aplicam o dito Acordo.

EDITORIAL... 3 ▶

CRÓNICAS

Pôr a Questão |
José d'Encarnação... 6 ▶



Arqueologia, Antropologia e
Arquitetura Vernácula: contributo
para uma investigação conjunta |
Victor Mestre... 12 ▶

Um Processo Infinito:
separar, ligar, voltar a separar,
e assim sucessivamente |
Vítor Oliveira Jorge... 9 ▶

ARQUEOLOGIA

A Torre de Centum Celas:
catálogo de uma exposição |
Helena Frade † e Elisa
Albuquerque... 16 ▶



A Arqueologia na
Reabilitação Urbana:
o caso da Igreja de São
João Baptista | Vanessa
Gaspar... 32 ▶



OPINIÃO

Salvaguarda do Património Arqueológico e
Incumprimento das Condicionantes Estabelecidas
pela Administração do Património Cultural:
que quadro legal para medidas de carácter compensatório
a aplicar no âmbito de operações urbanísticas? |
António Batarde Fernandes... 44 ▶

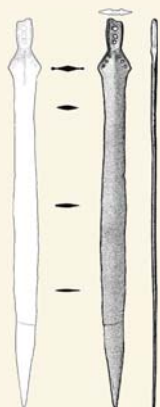
Do Discurso Hegemónico à
Prática Social: uma reavaliação do
valor do Património arqueológico |
José Paulo Francisco... 55 ▶



Do Estranho Caso da Cerâmica
Orientalizante à Dispersão de Espólios
Arqueológicos: um dilema com solução? |
Nuno Oliveira... 67 ▶

Em Torno da Criança na
Arqueologia: apontamentos |
Ana Rosa... 63 ▶

ESTUDOS



A Espada de Mouruás: Arqueologia,
Património e mitos na Galiza
pré-romana | Gerardo Vidal
Gonçalves, Dina Borges Pereira
e Rúben Mendes... 70 ▶

Vidro Solarizado ou a
Inesperada História de um
Achado Arqueológico | Leonor
Medeiros... 81 ▶



Produção Cerâmica da Ilha
Graciosa, Açores | José Luís
Neto, Luís Borges, Magda
Peres, Pedro Parreira e Tânia
Manuel Casimiro... 88 ▶

Do Romano para o Visigótico:
ara funerária romana transformada
em lintel de janela decorada com
arte cristã de época visigótica
(São João dos Azinhais, Torrão) |
Jorge Feio... 99 ▶



ARQUEOLOGIA BRASILEIRA



Considerações sobre o Projeto Piloto de Arqueologia e Antropologia Forenses na “Casa dos Horrores” de Maranguape, Estado do Ceará, Brasil | Sebastião Lacerda de Lima Filho, Cláudia Regina Plens,

Marcos Tadeu Ellery Frota, Allysson Allan de Farias e Manoel Odorico de Moraes Filho... 104 ▶



Processos Formativos do Sambaqui da Baía no Litoral do Piauí, Nordeste do Brasil | Pedro Henriques

Santos Gaspar Melo, Flávio Rizzi Calippo, Sebastião Lacerda de Lima Filho e Manoel Odorico de Moraes Filho... 109 ▶

PATRIMÓNIO

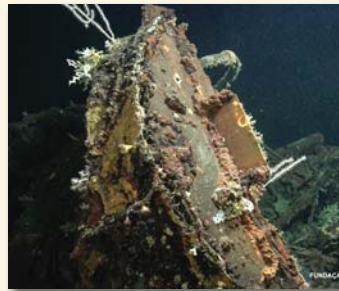


Vestígios da Neutralidade: o forte do Tagarete na II Guerra Mundial | Diogo Teixeira Dias e Daniela Frias Cabral... 117 ▶

Entre o Arquivo e a Memória: a tentativa de reconstrução histórica da Quinta da Alegria, na freguesia de Oliveira do Douro, em Vila Nova de Gaia | Fábio Soares... 126 ▶



Destruços de Guerra no Açores Durante as Guerras Mundiais | Alexandre Monteiro, José Luís Neto, Luís Borges e Pedro Parreira... 146 ▶



NOTICIÁRIO ARQUEOLÓGICO

O Projecto *Paisagens Ancestrais, Recintos Cerimoniais de Terras do Guadiana* | António Carlos Valera e Mafalda Capela... 170 ▶

Picão 2 | António Chényey... 174 ▶

O Altar Tipo Panónio da Herdade de Fontalva, Concelho de Elvas | Vera Cardoso e Guilherme Cardoso... 175 ▶

EVENTOS

Artes do Couro no Medievo Peninsular - Parte 6: artefactos do reino de Granada | Franklin Pereira... 153 ▶



Dos Sítios, das Artes e das Noites Megalíticas: a exposição | Nelson J. Almeida, Diniz Cortes, Tânia Matias, João Barreira e André Tomé... 177 ▶

Workshop Educação, Democracia e Arqueologia | Cristina Gameiro, Sérgio Gomes, Ana Vale e Sara Cura... 179 ▶

I Encontro Ibérico de Arqueologia de Género | Ana Vale e Paloma Zarzuela Gutiérrez... 181 ▶

O ICArEHB Recebeu a 66.ª Conferência da Sociedade Hugo Obermaier na Universidade do Algarve | Cláudia Costa e Anna Rufã... 183 ▶

Agenda de Eventos... 184 ▶

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

Fábrica de Pólvora de Vale de Milhaços: uma Ilha de Biodiversidade | Bruna Monteiro, Diogo Amaro, Mauro Hilário e Graça Filipe... 163 ▶



LIVROS & REVISTAS

Revisitando o Papel da Cidade no Ocidente Romano | José d'Encarnação... 185 ▶

Novidades editoriais... 187 ▶

Dos sítios, das artes e das noites megalíticas

a exposição

Nelson J. Almeida ^{1,2,3}, Diniz Cortes ⁴, Tânia Matias ⁵, João Barreira ^{6,7,8} e André Tomé ^{5,8}

¹ Universidade de Évora, CHAIA - Centro de História de Arte e Investigação Artística / IN2PAST - Laboratório Associado para a Investigação e Inovação em Património, Artes, Sustentabilidade e Território, Escola de Ciências Sociais (nelson.almeida@uevora.pt).

² UNIARQ - Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.

³ O Legado da Terra, Cooperativa de Responsabilidade Limitada.

⁴ Wildscape.

⁵ Câmara Municipal de Beja.

⁶ Museu Rainha Dona Leonor.

⁷ IHC - Instituto de História Contemporânea, Universidade de Évora / IN2PAST.

⁸ CEAAAC - Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património.

Por opção dos autores, o texto segue as regras do Acordo Ortográfico de 1990.

No passado dia 5 de fevereiro de 2025, foi inaugurada a exposição temporária “Dos Sítios, das Artes e das Noites Megalíticas. Pela lente de Diniz Cortes” (Fig. 1). A exposição esteve patente no Centro de Arqueologia e Artes de Beja até ao passado dia 5 abril, contabilizando mais de 300 visitantes. Contou com a organização da Câmara Municipal de Beja, da Wildscape e da O Legado da Terra, CRL, com produção e coordenação da Divisão de Turismo e Património, Maria João Macedo, Tânia Matias, André Tomé e Rui Aldegalega. As fotografias são da autoria de Diniz Cortes, complementadas com contributos no âmbito da Arqueologia (textos e mapa) por Nelson J. Almeida, João Barreira e O Legado da Terra, CRL. A Museografia esteve a cargo de Tânia Matias, André Tomé, Nelson Almeida e João Barreira. O *design* e comunicação visual foi incumbência da Câmara Municipal de Beja, com o apoio técnico de montagem de Tânia Matias, André Tomé, Amadu Ly, Hugo Serrano, Inácia Henriques, Joaquim Casadinho e José Henrique. Os materiais arqueológicos expostos incluíram cedências do Museu Rainha Dona Leonor (Beja), do Museu Municipal de Arqueologia de Serpa (Serpa), da Câmara Municipal de Beja - Depósito de materiais arqueológicos, e da O Legado da Terra, CRL (Beja), enquanto fiel depositário.

Tratou-se de uma exposição dedicada à fotografia artística, predominantemente de sítios arqueológicos e, em menor medida, de materiais arqueológicos selecionados, todos eles enquadrados temporalmente na Pré-História recente. Nela se expu-

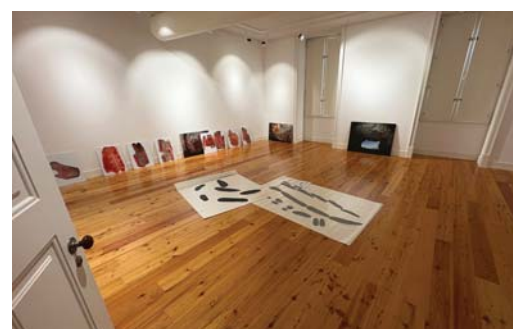
seram obras que, ao não terem um demarcamento geográfico regional destacado, permitiram exemplificar a existência deste tipo de sítios de Norte a Sul em Portugal. Do ponto de vista museográfico, tendo como linha orientadora a visão artística do autor, Diniz Cortes, optou-se por enquadrar a mostra com textos que, mantendo uma base cientificamente fundamentada, aproximassem os temas tratados de uma forma similar, enquadrando-se assim numa linha expositiva orientada pela visão artística e com ela dialogando. A esta, foram adicionadas uma seleção de materiais que enquadravam o discurso expositivo, ora através da sua alusão à informação textual e gráfica, ora remetendo para tipos de sítios e atividades que essa mesma informação não referia. Deste modo, foi possível construir uma exposição que, pelas suas características, poderia facilmente ser visitada sem um acompanhamento, mas que ao ter esse acompanhamento, ganhava na compreensão da relação entre as diversas componentes expositivas (Fig. 2).

Para esta exposição, foram utilizadas um total de cinco salas do primeiro piso do Centro de Arqueologia e Artes de Beja, sendo quatro delas selecionadas para expor fotografias, por vezes incluindo materiais arqueológicos, e a última



FIG. 1 – Cartaz de divulgação da exposição.

contendo uma instalação artística pensada por Tânia Matias. Começando pela primeira sala, era dedicada ao megalitismo funerário, especificamente de dólmenes, não por uma anterioridade cronológica relativamente às demais evidências expostas, mas por ser o principal mote desta mostra e, como tal, englobar um maior número de obras (Fig. 3). Nesta sala, os visitantes foram imediatamente confrontados com o que é um dos principais denominadores comuns da exposição, as fotografias noturnas. Para enquadrar a sala, foram selecionados materiais da Anta do Zambujal, na

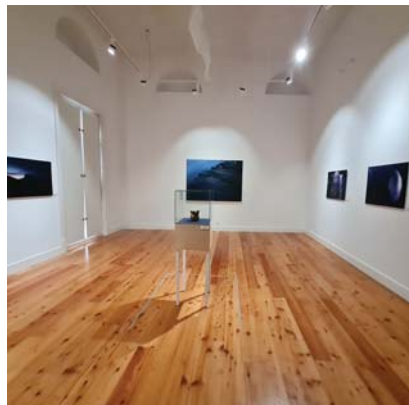
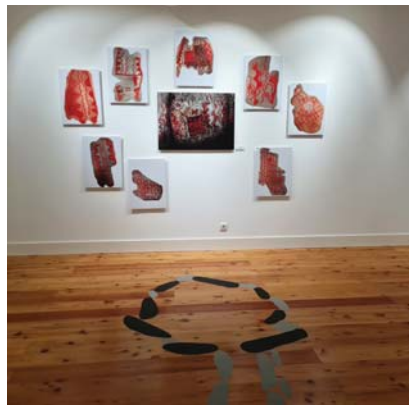
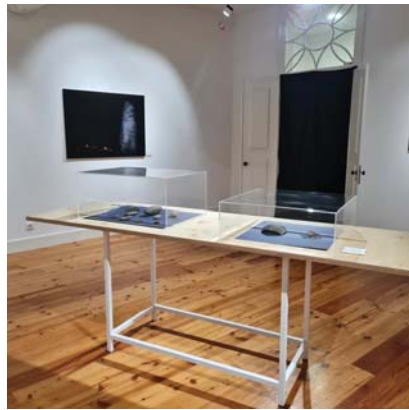


FIGS. 2 e 3 – Em cima, fase de preparação da sala dedicada à arte rupestre pintada.

Em baixo, vista parcial da sala dedicada aos dólmenes.

Vidigueira, incluindo uma alabarda, uma lâmina, dois geométricos e duas pontas de flecha, e a placa de xisto decorada da Herdade dos Pocilgais 2, em Fronteira. Fazendo ponte com outros tipos de sítios da Pré-História recente, optou-se por adicionar uma vitrina, no final da sala, com materiais do recinto de fossos de Porto Torrão, em Ferreira do Alentejo (prato e colher em cerâmica e serra em cobre), e da Quinta do Estácio 6, em Beja (potinho em cerâmica).

A segunda sala, dedicada ao megalitismo não-funerário, incluindo menires e cromeleques, apresentava materiais recuperados na região de Fronteira, nomeadamente machados e enxós em pedra polida, e dois fragmentos de cerâmica decorados com motivos oculados provenientes do Cerro dos Castelos de São Brás e Casa Branca 7, ambos em Serpa (Fig. 4). O tipo de materiais pretendia sugerir ligações entre a sala anterior, através dos elementos polidos, e a seguinte, recorrendo ao tipo de decoração das cerâmicas, que se liga com motivos pintados comuns neste período e território. A terceira sala focava a arte rupestre pintada, maioritariamente em abrigos conhecidos no Norte de Portugal, mas apresentava ainda, em destaque, o esteio 5 do Dólmén de Antelas, em Oliveira de Frades, acompanhado de fotografias dos registos históricos dos vários esteios, enquadrados na sua posição original em relação com a planta deste monumento, composta em vinil de recorte no piso da sala com indicação desses mesmos esteios (Fig. 5). A quarta sala tentava abordar, através das fotografias, a diversidade de contextos que marcam a Pré-História recente, incluindo registos de paisagens vistas desde e para povoados, mas também gravuras ao ar livre e em monumentos megalíticos funerários e não-funerários (Fig. 6). A dominar o centro deste espaço, colocou-se o vaso campaniforme da Quinta do Castelo 1, em Beja, que marca o final desta exposição, também do ponto de vista cronológico. Esta peça remete para a transversalidade que é, inclusive nesta exposição, unida através de características específicas dos sítios e dos materiais com ligações temáticas entre as diversas salas, apesar dos seus temas predominantes serem distintos. De frente para esta peça, em maior tamanho, dominava a fotografia da recém-descoberta Pedra da Foz do Gravio, em Salvada e Quintos, que engloba um conjunto de covinhas e foi identificada pelo próprio artista. No seu oposto, foi incluída numa sala sem luz natural, com luz negra e imagem em ponto de fuga, uma fotografia noturna da via láctea sobre o Castro de Palheiros, em Murça.



FIGS. 4 a 6 – De cima para baixo, vistas parciais das salas dedicadas ao megalitismo não-funerário, à arte rupestre pintada e a uma maior diversidade de sítios arqueológicos.

Estas apresentam maioritariamente dimensões de 90 x 66 cm, com as relativas aos decalques dos esteios do Dólmén de Antelas em menor dimensão (60 x 44 cm), mas também algumas de maior dimensão (120 x 88 cm ou 180 x 132 cm), que dominavam o espaço visual. Trata-se de uma exposição de fotografia artística, quase unicamente noturna, que se serve de evidências arqueológicas como objeto artístico, mantendo na maioria destes registos os cosmos noturno como um elo de ligação entre o passado e a atualidade (Fig. 7). Este elo, por vezes, é também visível em algumas fotografias através de paisagens atuais, como povoações, que se apresentam em segundo plano. A exposição foi concebida para ser itinerante, recorrendo unicamente às fotografias e textos. Em Beja, optou-se por transportar de um quadro geográfico e visual nacional para a escala regional, mas terminando com um jogo entre o local, através da fotografia e materiais, e o universal, através da fotografia. Como tal, ainda que a exposição não necessite de um enquadramento afim às peças arqueológicas, pode e deve englobar materiais selecionados dentre as evidências das regiões de itinerância. Desde já ficam os agradecimentos a todas as pessoas e instituições envolvidas na elaboração desta exposição, sem as quais a mesma não poderia ter sido bem-sucedida, com um especial agradecimento às instituições que facultaram os materiais arqueológicos expostos.

Do ponto de vista museográfico, de salientar que as distintas salas da exposição apresentavam positivamente uma diminuição da luminosidade, exceto junto aos materiais e fotografias.

FIG. 7 – Diniz Cortes aquando da montagem da exposição.

